

A Produção do Conhecimento Geográfico

2

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-79-6
DOI 10.22533/at.ed.796181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*A Produção Do Conhecimento Geográfico*” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 22 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase nos movimentos sociais.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como planejamento, gestão, inclusão, mobilidade.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a migração, imigração, movimentos sociais. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

TERRITÓRIO E MOVIMENTOS SOCIAIS

CAPÍTULO 1	1
ATIVIDADES CRIATIVAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: MÚSICA, TERRITÓRIO E CRIATIVIDADE EM TATUÍ-SP	
<i>Gustavo da Silva Diniz</i> <i>Auro Aparecido Mendes</i>	
CAPÍTULO 2	11
ESCOLAS OCUPADAS: CIDADANIA, PODER E TERRITÓRIO	
<i>Rafael Sá Rego de Azevedo</i>	
CAPÍTULO 3	43
ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL: ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS OU SISTEMAS TERRITORIAIS DE PRODUÇÃO?	
<i>Mariano de Matos Macedo</i> <i>Wilhelm Milward Meiners</i>	
CAPÍTULO 4	53
GANGUE E TERRITORIALIDADES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DE PROCESSOS SOCIAIS E ESPAÇOS ENVOLVIDOS NA AÇÃO DE GANGUE EM MINAS GERAIS	
<i>Antônio Hot Pereira de Faria</i> <i>Diego Filipe Cordeiro Alves</i> <i>Alexandre Magno Alves Diniz</i> <i>Tomás Hilário Cardoso Ferreira</i>	
CAPÍTULO 5	68
O DESCOROAMENTO DA PRINCESA DO SERTÃO: DE “CHÃO” A TERRITÓRIO, O “VAZIO” NO PROCESSO DA VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO	
<i>Nacelice Barbosa Freitas</i>	
CAPÍTULO 6	79
TERRITÓRIO E SAÚDE: REFLETINDO A REALIDADE AMAZÔNICA	
<i>Layla de Cassia Bezerra Bagata Menezes</i> <i>Edna Ferreira Coelho Galvão</i>	
CAPÍTULO 7	89
A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA NO BRASIL: UM OLHAR ALÉM DE SÃO PAULO	
<i>Romerito Valeriano da Silva</i> <i>Daniela Martins Cunha</i>	
CAPÍTULO 8	101
MIGRAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIO: OS DESCENDENTES DE POLONESES E UCRANIANOS NA ZONA DA MATA RONDONIENSE	
<i>Jania Maria de Paula</i>	

CAPÍTULO 9	110
REDES DA MIGRAÇÃO HAITIANA NO MATO GROSSO DO SUL	
<i>Alex Dias de Jesus</i>	
CAPÍTULO 10	120
TRABALHO E MIGRAÇÃO: ANÁLISES SOBRE A POPULAÇÃO OCUPADA NO SETOR CALÇADISTA DO MUNICÍPIO DE NOVA SERRANA-MG	
<i>Luís Henrique Silva Ferreira</i>	
<i>Andressa Virgínia de Faria</i>	
<i>André Francisco de Brito Leite</i>	
CAPÍTULO 11	136
A TEORIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DA CERVEJA NO BRASIL: A MATRIZ METODOLÓGICA COMO INSTRUMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE MAIOR PRODUÇÃO CERVEJEIRA NO BRASIL	
<i>Eduardo Fernandes Marcusso</i>	
CAPÍTULO 12	147
EFEITOS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA E ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA SOBRE A MORTALIDADE INFANTIL NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO PARA DADOS EM PAINEL	
<i>Everlane Suane de Araújo da Silva</i>	
<i>Neir Antunes Paes</i>	
CAPÍTULO 13	157
GEOGRAFIA E ARTE: REPRESENTAÇÕES EM ALGUMAS PAISAGENS CABRALINAS	
<i>José Elías Pinheiro Neto</i>	
<i>Lara Ferraz Rocha Pacheco</i>	
CAPÍTULO 14	167
GESTÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA EM FRONTEIRA COMO PROGRAMA DE ESTADO E A INTERDEPENDÊNCIA DE ATORES	
<i>Sergio Flores de Campos</i>	
CAPÍTULO 15	179
MEMÓRIA, CULTURA E RESILIÊNCIA NA COMPREENSÃO DA PAISAGEM DO PAMPA: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA GEOGRAFIA INTEGRADORA	
<i>Adriano Severo Figueiró</i>	
CAPÍTULO 16	195
PATRIMÔNIO MUNDIAL DA UNESCO NO BRASIL: O CASO DAS ILHAS OCEÂNICAS DE FERNANDO DE NORONHA E ATOL DAS ROCAS	
<i>Vanda de Claudino-Sales</i>	
CAPÍTULO 17	206
UMA VIAGEM PELAS TERRAS DO SEM FIM EM BUSCA DA GEOGRAFICIDADE DA OBRA DE JORGE AMADO	
<i>Rita de Cássia Evangelista dos Santos</i>	

CAPÍTULO 18	216
PARENTALIDADES JOVENS, INVISÍVEIS E EXCLUÍDAS NO CENÁRIO DO “PRISON BOOM” BRASILEIRO: CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DA POPULAÇÃO DE PAIS E MÃES ENCARCERADOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, BRASIL – 2014	
<i>Rafael Andrés Urrego Posada</i>	
<i>Maria Carolina Tomás</i>	
<i>Dimitri Fazito de Almeida Rezende</i>	
CAPÍTULO 19	230
ENSAIO SOBRE A ARCHÉ GEOGRÁFICA SOTEROPOLITANA	
<i>Daniel de Albuquerque Ribeiro</i>	
CAPÍTULO 20	240
NO MOVIMENTOS DAS REDES, NAS REDES DE MOVIMENTOS E OS MOVIMENTOS NAS REDES: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS E MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS CAMPONESES E URBANOS NO BRASIL E NA ARGENTINA	
<i>José Sobreiro Filho</i>	
CAPÍTULO 21	251
O LEGADO DOS MILAGRES DE SANTA PAULINA: A INTERRELAÇÃO E CONEXÃO RELIGIOSA DOS MUNICÍPIOS CATARINENSES DE NOVA TRENTO E IMBITUBA CONSTRUINDO UM OLHAR PELA FENOMENOLOGIA	
<i>Natália Carolina de Oliveira Vaz</i>	
<i>Sylvio Fausto Gil Filho</i>	
CAPÍTULO 22	262
O SOM DA VIOLA “INVOCANO” UM SENTIMENTO TOPOFÍLICO CAIPIRA	
<i>Denis Rilk Malaquias</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	273

NO MOVIMENTOS DAS REDES, NAS REDES DE MOVIMENTOS E OS MOVIMENTOS NAS REDES: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS E MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS CAMPONESES E URBANOS NO BRASIL E NA ARGENTINA

José Sobreiro Filho

- Professor Doutor do programa de Pós-Graduação em geografia da Universidade Federal do Pará. Contato sobreirounesp@gmail.com. Esta pesquisa foi financiada pela FAPESP como parte do projeto de pesquisa de doutorado intitulado “Os movimentos e as redes: da articulação em redes às redes sociais online nos movimentos socioespaciais e socioterritoriais no Brasil e na Argentina”.

RESUMO: Temos observado um processo crescente de articulação dos movimentos socioterritoriais em rede e também o uso de redes sociais online pelos movimentos socioespaciais como uma importante via para organização de manifestações e difusão de informações em escala local-global. Diante deste horizonte de uso e articulação em redes visamos analisar sob o enfoque geográfico a atualidade da luta dos movimentos socioterritoriais camponeses no Brasil e na Argentina desde 1988 e dos movimentos socioespaciais urbanos que tem se destacado na atualidade com a finalidade de compreender as formas de uso e mostrar como as redes sociais online tem alterado e criado uma nova dinâmica nas lutas dos movimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos socioespaciais; movimentos socioterritoriais; redes

ABSTRACT: Increasingly, socio-territorial movements have been organizing themselves in the form of networks, and the use of online social networks by socio-spatial movements is fast becoming an ever more important means for organizing demonstrations and information dissemination on a local and global scale. In light of these trends, we aim to analyze, with a geographic focus, the socio-territorial struggle of peasant movements in Brazil and Argentina since 1988 and the growing socio-spatial urban movement that has emerged in both countries. In particular, we will explore the ways in which online social networks are currently being used in the two countries by socio-spatial and socio-territorial movements and examine the way in which these networks and their use have changed over time, now representing a new and important dynamic in the struggles of movements

KEY-WORDS: Socio-espatial movements; Socio-territorial movements; Networks

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho se constitui em um breve ensaio sobre Movimentos socioespaciais, Movimentos socioterritoriais e Redes. Apresentamos algumas reflexões sobre o uso das redes sociais e o processo de

articulação dos movimentos em redes com a finalidade de suscitar o debate sobre a contemporaneidade da luta dos movimentos e suas respectivas práticas e processo de produção e transformação do espaço e território. O trabalho está dividido em três partes. Na primeira, apresentamos uma definição conceitual sobre movimentos socioespaciais e movimentos socioterritoriais. Na segunda, realizaremos uma leitura sobre as novas formas de atuações que os diferentes usos das redes sociais têm permitido aos movimentos e como este uso tem possibilitado uma nova dinâmica em suas ações. Na terceira parte, realizamos uma breve leitura sobre a articulação dos movimentos socioterritoriais camponeses através da relação entre movimentos do Brasil e a Argentina. Nossa preocupação ao estudar os movimentos deve-se ao fato de que as redes têm possibilitado uma nova dinâmica tanto no processo democrático quanto na lógica de produção e transformação do espaço e do território.

2 | MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS E MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS: A IMPRESCINDIBILIDADE DO OLHAR GEOGRÁFICO

Movimentos socioespaciais e movimentos socioterritoriais são conceitos que visam não somente trabalhar a Geografia a partir de suas próprias referências e objeto de estudo (Espaço), mas também tomar como ponto de partida as relações, a indissociabilidade e o reconhecer o homem como e enquanto espaço. Portanto, diferentemente de muitas outras ciências, não visamos compreender os movimentos somente ou prioritariamente a partir da ação social e coletiva e do fato social, mas do espaço. Deste modo, nossa principal preocupação ao eleger o Espaço e, portanto, os conceitos de movimentos socioespaciais e socioterritoriais, é ir para além destas compreensões e buscar preencher uma lacuna que os principais paradigmas e teorias sobre movimentos sociais deixaram sobre o espaço (GOHN, 2011)¹. Parcela desta proposta de contribuição à construção conceitual tem também suas bases no fato de que as demais teorias sobre movimentos sociais, com exceção a poucos autores que trabalham a perspectiva territorial na América Latina, não se atém ao espaço e território como elementos essenciais aos movimentos. Ademais, esta opção abre também um amplo leque para com os demais elementos, especificidades, categorias e conceitos geográficos.

Movimentos socioespaciais e movimentos socioterritoriais são conceitos propostos primeiramente por Martin (1997) e Fernandes (2005) e, de fato, expressam uma perspectiva essencialmente geográfica, ou seja, de acordo com a estrutura epistemológica da Geografia. Pedon (2009) contribui apresentando uma releitura sobre o uso do conceito de movimentos sociais na Geografia e o potencial do uso dos conceitos de movimentos socioespaciais e movimentos socioterritoriais. Nesse sentido, Sobreiro Filho (2013) reforça a imprescindibilidade de se fazer uma leitura

1. Podemos identificar também nas obras de Tilly (2010), Tarrow (2009), Hobsbaum (1982), etc.

eminentemente geográfica, as diferenças e limitações para com o conceito de movimentos sociais. Estes esforços para com a leitura geográfica sobre movimentos apresentam contribuições para a construção conceitual. Assim, quatro ponderações são importantes para se compreender esta proposição conceitual: 1-) as diferenças em relação ao conceito de movimento social da sociologia são epistemológicas (PEDON, 2009); 2-) ambos os conceitos são construídos tendo o espaço como ponto de partida e, portanto, dimensão fundamental em sua formação; 3-) todo movimento socioterritorial é socioespacial, mas nem todo movimento socioespacial é socioterritorial; 4-) mais que trunfo, o território é essencial para um movimento socioterritorial.

Assim, podemos compreender que um movimento socioespacial é aquele que promove a transformação ou resistência de determinada configuração, condição ou relação socioespacial e que lutam e, portanto, são produtores, transformadores diretos e/ou indiretos do espaço material e imaterial. Por outro lado, o movimento socioterritorial compreende o mesmo conjunto de elementos que caracteriza o movimento socioespacial, mas, dentre outros elementos, diferencia-se pelas relações de poder impressas no espaço. Assim, o movimento socioterritorial tem como trunfo/essência de sua existência a luta pela conquista, manutenção/resistência de determinado território e conseqüentemente sua própria produção e reprodução socioespacial.

Outra importante parcela desta proposição conceitual apresentada por Sobreiro Filho (2013) é de compreender os movimentos socioespaciais e movimentos socioterritoriais no bojo da produção do espaço e do território. Esta perspectiva visa entender como os movimentos compreendem e como produzem espaço/território através de suas ações, estratégias, táticas, projetos político-ideológicos, etc., ou seja, como os mesmos produzem e transformam o espaço/território por meio de suas práticas e processos e como, dialeticamente, estão inseridos e se relacionam com as demais práticas e processos socioespaciais e socioterritoriais. Conseqüentemente, tal perspectiva nos permite compreender a lógica-racionalidade espaço-temporal² dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais tanto em suas respectivas ações, apinhadas de intencionalidades, quanto também na relação com as demais ações (coletivas, individuais, setoriais, naturais, eventos, etc.) e objetos que compreendem a totalidade.

3 | OS MOVIMENTOS NAS REDES

As insurreições políticas contemporâneas desvelam uma emaranhada trama pouco conhecida sobre a atualidade dos movimentos socioespaciais e movimentos socioterritoriais em redor do globo. As estruturas de circulações de informações, as redes sociais e as conexões de interface compreendem importantes elementos constitutivos desta nova dinâmica das ações socioespaciais coletivas. Ao remontarmos a última década, observaremos um crescimento do uso das redes sociais tanto para

2. Sobre este debate Procurar Sobreiro Filho (2016).

a organização de manifestações por movimentos socioespaciais, quanto para a circulação de informações realizadas nas manifestações em diferentes países, dentre eles: na Espanha, Portugal, Islândia, Itália e Grécia, as revoltas que compuseram a primavera Árabe, Occupy Wall Street (CASTELLS, 2012), as manifestações realizadas em Junho e Julho de 2013 no Brasil (MARICATO et al., 2013; HARVEY et al., 2012), sobretudo, referentes à elevação da taxa de tarifa de ônibus, as manifestações durante o período Pré e durante a Copa do Mundo, e a atualidade da dinâmica dos movimentos que lutam no Brasil.

Tal processo denota que cada vez mais as redes sociais têm sido importantes para a articulação dos movimentos sociais em diferentes ocasiões e lugares do globo. Tais fatos destacam a importância do uso das redes sociais em diversas conjunturas críticas de crises econômicas e políticas, etc. Além do mais, vale destacar que parcela significativa das insurreições políticas estão atreladas ao uso das redes sociais por movimentos populares que tem se apropriado destas ferramentas para promoverem e amplificarem as contendas e formação política tanto nos “*ciberespaços*” quanto nos espaços públicos (ruas, praças, estádios, etc.). Conseqüentemente esta nova dinâmica combativa caracteriza-se como uma contradição para com as prerrogativas da globalização perversa promovida pela lógica metabólica socioespacial do capitalismo, pois estes sujeitos políticos dão um novo uso às mesmas redes que que fomentam o metabolismo socioespacial do capital³.

Conforme Sobreiro Filho (2013), em alguns casos o uso das redes sociais tivera significativa importância tanto para a difusão de informações visando articulação e formação política, quanto também visando o próprio processo de massificação das manifestações. A Primavera Árabe caracterizou-se como um caso emblemático, pois ao mesmo tempo em que as manifestações cresciam, simultaneamente os governos passaram a ter mais cuidado com a internet, chegando ao ponto de bloquear o acesso e algumas redes sociais como forma de conter as ações (SOBREIRO FILHO, 2013). O caso do Movimento Kefaya (egípcio) exemplifica tanto uma clara relação de falta de acesso às redes sociais quanto também o protagonismo na circulação de informações realizada por ativista de outros países, dentre eles: Estados Unidos da América, França e Espanha (Fig. 1).

3. [...] Facebook é uma grande empresa e uma empresa que ganha com publicidade com venda de processos e nesse sentido a gente não tem nenhuma esperança de que isso vá servir efetivamente aos povos, mas a gente usar essa maravilhosa arte da subversão que a gente tem de pegar aquela ferramenta que é feita para ganhar dinheiro pra lucrar e transformar em uma ferramenta de emancipação dos povos, de elevação de consciência e de debate político bem avançado. (Entrevista realizada com liderança do Comitê Popular da Copa do Distrito Federal – 23/06/2014)

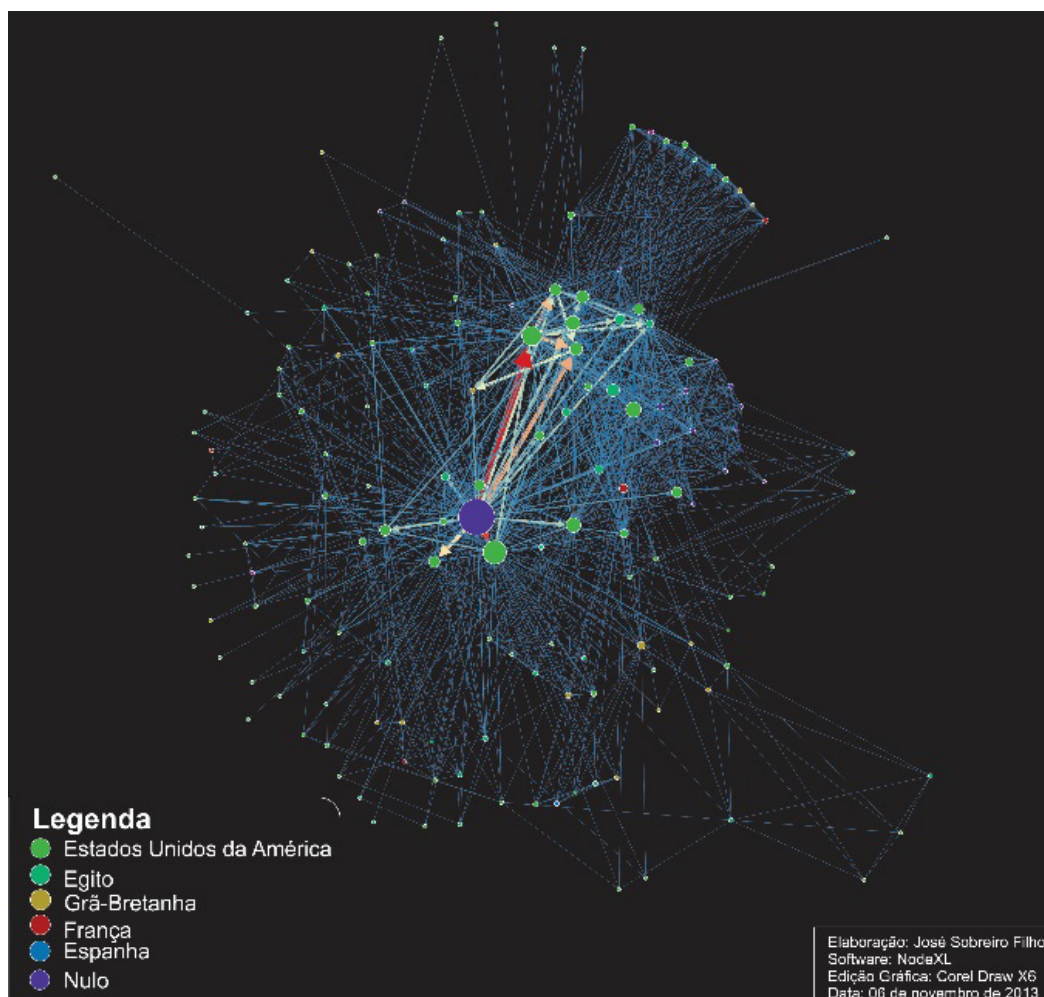


Figura 1 - Movimento Kefaya – difusão de informações baseadas nas curtidas e comentários dos usuários – 01/06/2011 a 01/09/2011

Ademais, quando destacamos que as manifestações contemporâneas têm apresentado uma nova dinâmica, não ignoramos que as práticas antigas ainda façam parte deste processo. Pelo contrário, afirmamos a coexistência e o aperfeiçoamento do processo de articulação e de massificação das informações e ações socioespaciais coletivas. Ao remontarmos Tilly (2010) e Hobsbawm (1982) observaremos que as práticas de organização de ações coletivas e formas de disseminação de informações desde o século XVIII estavam atreladas a aproximação e presença física dos indivíduos. O mesmo valia para o conjunto de ações realizadas em diferentes pontos do globo ainda no século XX, tais como: o Movimento Rural na Argentina; as Comunidades Eclesiais de Base; a formação do MST no Brasil (FERNANDES, 2000); Chiapas no México (ORNELAS, 2005); etc. Contudo, ao contrastarmos com a atualidade, observamos que muitos elementos e práticas são importantes heranças do passado, mas a nova dinâmica dos movimentos socioespaciais e socioterritoriais e também a amplificação de suas respectivas práticas tem relações com, dentre outras, dois fatores importantes: primeiro, a potencialização das ações e uma significativa mudança na dinâmica dos movimentos tem parcela de sua base no avanço da circulação de informações. Para compreender esse processo, um bom caminho é remontar tanto à evolução das estruturas e formas de transporte e, portanto, circulação

de informações (carta, estradas, navios, telefonia etc.), quanto à complexificação das estruturas virtuais desde a ARPANET até a atualidade da internet, blogs, sites, e-mails e das redes sociais (CASTELLS, 2012, 2003); e segundo, elemento importante a ser considerado, sobretudo no caso brasileiro, é popularização/massificação das mídias locativas e do acesso/consumo das redes sociais (SANTAELLA, 2008) associado ao avanço do processo democrático em redor do mundo (TILLY, 2010).

Com a apropriação e assimilação destes elementos e a lida destes processos pelos movimentos, novas possibilidades de ação e articulação tornaram-se possíveis. O trabalho de base e disseminação de informações ganham assim novas possibilidades de atuação e circulação, sobretudo para se promover a conscientização e socialização política, ou seja, as redes sociais passam a compreender o conjunto de táticas e estratégias de ações dos movimentos, tal como podemos ver nesta entrevista “*As redes sociais são uma ferramenta de comunicação com as pessoas. É uma das ferramentas de comunicação que o movimento usa. Ela é importante sim para chamar a galera pro ato, para fazer esse negócio de emitir a informação e pra galera vim colar com a gente no ato*”⁴. Deste modo, a circulação de informações que secularmente fora realizada face-a-face ou virtualmente, de acordo com as respectivas possibilidades de circulação de informações, passa a lidar e assimilar a noção de “*tempo-real*” e, portanto, possibilitando não somente a conexão entre diferentes tempos e escalas (local-global e *vice-versa*), mas também compreendendo os mesmos elementos que são dispostos para o metabolismo socioespacial do capital, tal como a “compressão tempo-espacial”. Tais transformações caracterizam uma significativa mudança e coexistência entre formas de organizações tradicionais e as contemporâneas veiculadas pelas redes sociais. No entanto, ao contrário das cartas, panfletos, etc., as redes sociais permitem também tanto o alteamento das informações da escala local para a global⁵, a partir de algumas *twittadas*, *posts*, compartilhamentos, etc., quanto também as interações espaciais em redor do globo, tal como podemos observar com as ações do *Occupy Wall Street* que se estendeu por diferentes continentes (SOBREIRO FILHO, 2013).

Assim, é fato que a instantaneidade e a massificação, sobretudo do acesso e interação, adentram a lógica dos movimentos e das ações socioespaciais coletivas. Tais possibilidades conectam não somente as pessoas em si, mas também os espaços de luta e de ação, permitindo que os indivíduos tanto se somem aos sujeitos políticos e suas lutas coletivas, quanto também que interajam e gerem informações sobre a realidade das respectivas ações por meio da interação física e/ou virtual alteando informações às demais escalas e espaços⁶. Tal concepção pode ser vista ao tomarmos o MPL – Movimento Passe Livre como exemplo (figura 2).

4. Entrevista realizada com liderança do MPL, 19/06/2014.

5. Ver também Maricato et al. (2013) e Harvey et al. (2012),

6. A Mídia NINJA ocupou importante papel na produção e transmissão de informações alternativas em tempo real para links online e em redes sociais como o Youtube, Facebook e Twitter a partir de conexões 3G e Smartphones (SOBREIRO FILHO, 2013).

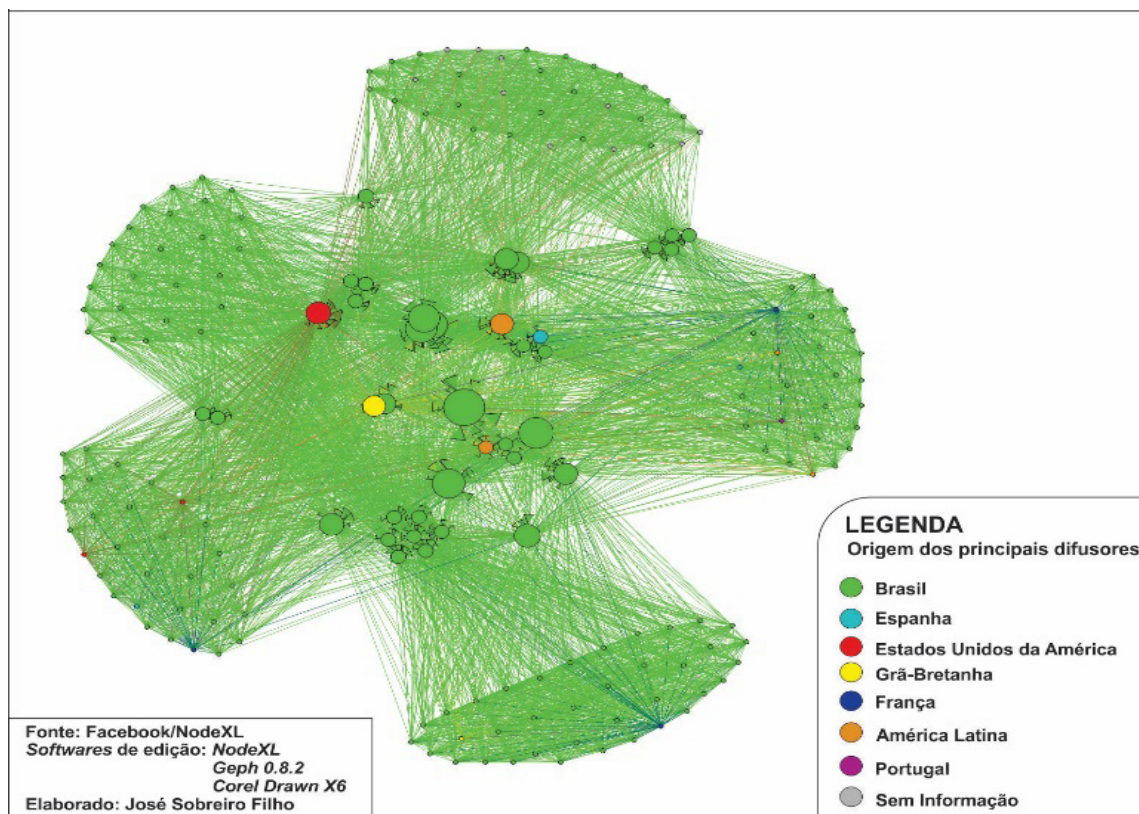


Figura 2 – Movimento Passe Livre – São Paulo – Facebook – Curtidas do dia 20/06/2013 baseado nos usuários.

Outro elemento importante a ser considerado é a criação de eventos pelos movimentos com a finalidade de massificar as ações socioespaciais coletivas e que compõe esta complexa dinâmica atual. Assim, surgem diversos outros processos e também a aproximação com outros tipos de grupos ativistas, especializados tanto em dar suporte para as ações quanto produzir material/informação qualificada sobre estes, com a finalidade de amplificar as ações coletivas, tal como denota-se na entrevista em plena ação do MPL durante a Copa do Mundo:

“A rede social foi o fator principal disso tudo que está acontecendo, se iniciou pela rede social e a rede social está se organizando através desse movimento de horizontalização das organizações. Os poderes eles estão se horizontalizando as pessoas já estão tomando forma e vontade de sair pra rua sem precisar de uma organização exterior, isso provoca ao mesmo tempo a gente via que tinha uma desorganização isso tudo, porque por ser muito independente o caos acontecia e as pessoas não se reestruturavam, não tinham suporte seja de socorrista, seja de advogado daquilo que acontecia.” (Entrevista realizada com advogado do coletivo Advogados Ativistas em 19/06/2014)

Ao pensarmos o caso brasileiro nos últimos anos é fundamental destacar que o manejo das mídias e redes sociais no processo das ações combativas complexificou não somente o uso das redes, mas também as estruturas que dão suporte às ações, tal como destacamos anteriormente. A espacialização das ações foi uma significativa consequência deste processo. Podemos observar mais nitidamente ao destacar as manifestações de junho e julho no ano de 2013 com a soma de 62 eventos realizados em diversos países do mundo e 162 no Brasil.

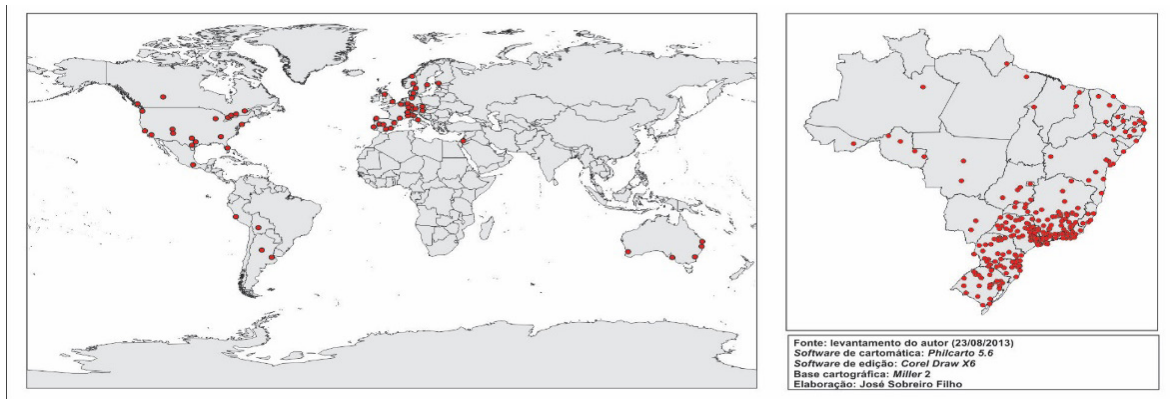


Figura 3 – Manifestações de Junho e Julho de 2013 organizadas pelo Facebook

Tais elementos evidenciam um amplo uso das redes sociais para articulação e organização das manifestações. No entanto, vale destacar que na atualidade parcela significativa da agenda pública dos movimentos também são publicizadas nas redes sociais, dentre eles destacam: o MST; MTST; MPL; e coletivos. Por fim, é fundamental destacar dois pontos: o primeiro é que os conflitos e repressões que se dão nos espaços materiais também são veiculadas pelas redes sociais; e segundo que mesmo com os riscos e os movimentos seguem fazendo uso das redes sociais para o seu próprio interesse e geração de informações:

Hoje é um dia de ato aqui no DF e meu Facebook tá bloqueado, eu não consigo mandar mensagem para ninguém e esse tipo de coisa acontece mas eles não conseguem barrar quando o processo é massificado, é viralizado. E a gente conseguiu viralizar as violações da copa, a gente conseguiu viralizar o questionamento de Copa para quem, pra quem ela serve, à quem ela defende e quem se beneficia com ela e a gente consegue viralizar a partir disso e nós queremos uma sociedade diferente. (Entrevista realizada com liderança do Comitê Popular da Copa do Distrito Federal – 23/06/2014)

E:

O Facebook e o Twitter são redes sociais que você tem oportunidade de fazer seu próprio jornalismo, então elas foram fundamentais em junho porque quando a rede globo, a Record falavam que eram os manifestantes que provocavam violência, os próprios manifestantes filmavam com o apoio do fórum, a Mídia Ninja mostrando que a violência partia da polícia, partia do Estado. (Entrevista com militante do Coletivo Juntos do Distrito Federal – 23/06/2014)

4 | REDES DE MOVIMENTO CAMPONESES: BRASIL E ARGENTINA

A articulação em redes é fundamental para se compreender a atualidade dos movimentos socioterritoriais camponeses na América Latina. Tendo em vista uma questão agrária apinhada de conflitos que vão desde expropriação, extermínio/massacres, escravidão e exploração (CHONCHOL, 1994), até o avanço do capitalismo moderno, não soa estranho compreender que cada vez mais a América Latina tem se tornado expressivo espaço de lutas e ações coletivas pela reivindicação de territórios, reconhecimento e direitos tradicionais, preservação ambiental, acesso a água, questões

de gênero, colonialidade etc. Ao longo das décadas que compõem os últimos séculos houveram inúmeras insurreições e organizações políticas. Contudo, recentemente que se tem construído uma pauta mais ampla e embasada nos interesses populares e mediada por relações de construção de um projeto político internacional. Assim, tanto a Via Campesina quanto a CLOC - Cordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo – cumprem importante papel neste contexto de articulação de movimentos⁷.

No bojo desta articulação destacamos como estudo de caso a relação entre os movimentos brasileiros e os movimentos argentinos. Além do fato de que ambos os movimentos compartilham de uma história e da atualidade agrária com proximidades, os movimentos socioterritoriais camponeses também são reconhecidos pela expressão internacional de suas lutas. Dentre os movimentos que compõem os quadros da Via Campesina e da CLOC, destacamos MST pela sua forte relação com os movimentos argentinos e dos movimentos argentinos o MNCI - Movimiento Nacional Campesino Indigena - por ser composto por outros dois movimentos relevantes na história Argentina, sendo eles: MOCASE - Movimiento Campesino de Santiago del Estero -; e UST - Unión de Trabajadores Rurales Sin Tierra.

As relações entre ambos os movimentos dão-se intensamente no marco da CLOC e da Via Campesina, no entanto destacamos que os intercâmbios e a efetividade destas construções populares articuladas tornam-se mais vivas para com a sociedade em dois momentos principais que se complementam e são tomados como substrato para o fortalecimento das lutas pelo espaço e reforçam os territórios já conquistados e/ou tradicionais, sendo eles: primeiramente os espaços de formação e socialização política internacionais (escolas de formação política); e a segunda as ações socioespaciais e socioterritoriais coletivas. Destacamos a importância das experiências de formação política realizadas pelas e nas escolas⁸ partindo da ideia destacada pelo MNCI de que *“la formación es indispensable a todos los movimientos”*. Tais experiências apresentam significativos ganhos tanto em termos de construção e fortalecimento das relações entre os movimentos como também no intercâmbio de conhecimentos camponeses e indígenas:

De hecho, compartimos de formación, mayormente estamos vinculados desde el principio con el MST, después, a través de la Via Campesina fomos nos vinculando con todos los otros movimientos. El MPA, el MAB, la MMC y los distintos movimientos. Una relación bastante buena. Lo que tenemos de bueno, por ejemplo, compartimos como Via Campesina y CLOC, la escuela de formación. Este espacio de intercambio donde tenemos talleres productivos, escuelas de agroecología y distintos aspectos. Bueno, hay movimientos que se desarrollan más en una temática y que eso permiten compartir con otro movimiento eso que hay demás desarrollado y ver como se puede mejorar. [...] nuestras relaciones con el movimiento brasileño es de óptimas condiciones y digamos que esto nos va favorecer en el día de

7. Criada em 1993 como uma rede de movimentos em todo o mundo a Via Campesina atualmente é composta por 164 organizações em 79 países e a CLOC, criada em 1994 no Perú, foi criada com a finalidade de ter uma atuação continental e passou a ser parte integrante da Via Campesina também. (DESMARAI, 2007)

8. As escolas de formação trabalhadas na entrevistas foram a Escola Nacional Florestan Fernandes, a UNICAM – Universidad Camepsina de Santiago del Estero - e a Escuela de Agroecologia da UST.

mañana a seguir desarrollando nuestra lucha contra el capitalismo y el imperio. No es solo la lucha por la tierra y contra el saqueo, es mucho más que eso [...] Si no estamos articulando con otros movimientos no podremos saber que estas desforestando miles de hectáreas en Brasil [...] y ya estar preparado a recibir este tipo de amenaza. (Entrevista realizada com Liderança do MOCASE e MNCI em 04/12/2014)

E:

El papel de las escuelas. Es fundamental la formación en nuestro movimiento. Sin formación no hay conocimiento del derecho y sin conocimiento del derecho tampoco podremos nos defender de los atropellos porque no sabemos cual son nuestros derechos y como hacer valer nuestros derechos. Por otro lado, por el objetivo tecnológico. [...] la tecnología campesina. En eso colabora mucho las escuelas, en especial la de agroecología por relacionar el todo de la Via Campesina. [...] las escuelas en los movimientos sociales nos ayudan a transmitir valores que ayudan a defender la vida, que no son los mismos valores de la escuela capitalista. (Entrevista realizada com Liderança do MOCASE e MNCI em 04/12/2014)

Por fim, é fundamental destacar que dentre os diversos ganhos proporcionados pelas escolas, a própria complexificação das estruturas organizacionais e formas de ações também são importantes para os próprios movimentos que passam a ser articular. Ademais, a partir destes intercâmbios que surgem as ações socioespaciais coletivas.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Redes de indignación y esperanza**. Madrid: Alianza Editorial S.A., 2012

CHONCHOL, J. **Sistemas agrários en América Latina**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

DESMARAIS, Annette. **La Via Campesina**. Fernwood Publishing: Halifax, 2007.

FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais**. Observatório Social de América Latina., v. 16, pp. 273-284. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

GOHN, M. G. **Teoria dos Movimentos Sociais**. 9ª edição. São Paulo: Edições Loyola. 2011. 391 p.

HARVEY, D. et al. **Occupy**. São Paulo: Boitempo, 2012

HOBBSAWM, E. J. E. **Capitão Swing**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. USA: Blackwell Publishing, 1991.

MARICATO, E. et al. **Cidades rebeldes**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARTIN, J. Y. **A geograficidade dos movimentos socioespaciais**. Caderno Prudentino de Geografia, v. 1, 2. 19, p. 26-40, nov. de 1997.

SANTAELLA, L. **Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 35, p. 95-101, abril, 2008.

ORNELAS, R. **A autonomia como eixo da resistência zapatista. Do levante armado ao nascimento dos caracoles. Hegemonias e emancipações no século XXI**. CECEÑA, A. E. CLACSO. Julio 2005

PEDON, N. R. **Movimentos Socioterritoriais: Uma Contribuição Conceitual à Pesquisa Geográfica**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Pres. Prudente, 2009.

SOBREIRO FILHO, José. **Movimentos socioespaciais, socioterritoriais, manifestações e as redes sociais: das manifestações internacionais ao Movimento Passe Livre-SP**. GeoGraphos. [En línea]. Alicante: Grupo Interdisciplinario de Estudios Críticos y de América Latina (GIECRYAL) de la Universidad de Alicante, 6 de enero de 2015, vol. 6, nº 73, p. 1-29.

SOBREIRO FILHO, J. **Os movimentos nas redes e em redes: das manifestações internacionais ao Movimento Prudente**. 99f. Monografia (Graduação)-Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2013.

TARROW, S. **O poder em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

TILLY, C. & WOOD, L. J. **Los movimientos sociales, 1768-2008**. Barcelona: Crítica, 2010.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-79-6

